

REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Eduardo do Nascimento



16ª SEMANA
NACIONAL DE
CIÊNCIA E
TECNOLOGIA
Bioeconomia, Diversidade e Riqueza para o
Desenvolvimento Sustentável



INSTITUTO
FEDERAL
Santa Catarina
Câmpus
Caçador



Ano 2020



REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Eduardo do Nascimento



16ª SEMANA
NACIONAL DE
CIÊNCIA E
TECNOLOGIA
Bioeconomia, Diversidade e Riqueza para o
Desenvolvimento Sustentável


**INSTITUTO
FEDERAL**
Santa Catarina
Câmpus
Caçador


Atena
Editora
Ano 2020


**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL


CNPq

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Posaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Rede Contestado de educação, ciência e tecnologia

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Karine de Lima Wisniewski
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Eduardo do Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
R314	Rede Contestado de educação, ciência e tecnologia [recurso eletrônico] / Organizador Eduardo do Nascimento. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-244-9 DOI 10.22533/at.ed.449200308 1. Rede de Educação, Ciência e Tecnologia do Contestado. 2. Educação. 3. Ciência. 4. Tecnologia. I. Nascimento, Eduardo do. CDD 370.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

CONTESTADO TEMPO PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Com os avanços da informatização e das redes de recursos externos, os territórios estão cada vez mais conectados. Com uma necessidade cada vez mais evidente de trabalho em rede e em conjunto, os pesquisadores e demais profissionais direcionam seus estudos e trabalhos para uma perspectiva cada vez mais unida e com fortes contribuições ao meio onde estão inseridos.

Nem sempre houve interesse em conectar as vivências do interior, a comunicação e seus processos tradicionais que se revelam essenciais à vida humana. De uns tempos para cá o interior ganhou voz e hoje se tecem diálogos, que nos parecem cada vez mais necessários, por intensificarem o acesso a práticas capazes de alterar as reduções das desigualdades em espaços antes nunca visitados sejam pelas iniciativas privadas ou públicas. No arcabouço geral da teoria da tríplice-hélice, um movimento que engrena governo, universidade e empresa, há um desenho essencial para compreensão desta formação de capital, especialmente social, no bojo de uma estrutura necessitada de acesso, considerando a sociedade como base do modelo.

Mais que o capital meramente gerado em torno de uma exploração de mão de obra, é preciso colocar no cerne da questão a sociedade. Esta, sendo uma das beneficiárias das práticas de interiorização. Há de se dizer, e parece não ser exagerada essa visão, que a interiorização da rede federal de educação, ciência e tecnologia, para educação profissional e tecnológica, corrobora com essa interpretação.

Iniciada nos idos dos anos 2007, a interiorização torna-se uma pauta desenvolvimentista pelo governo Lula, sendo dali em diante um estopim de processos expansionistas e de interiorização seja pelo ensino superior com o REUNI (programa de reestruturação universitária, ou pelos programas de expansão da rede federal). Antes o acesso às universidades e institutos federais, antes conhecidos como CEFETs, se dava apenas em grandes centros e especialmente os inseridos nas regiões litorâneas, temos que nesse instante, novos rumos são levados a instalar campus em regiões com potencial de desenvolvimento e com alto índice de desigualdades.

Diante dessa celeuma, nota-se que a região do contestado se enquadra nesse quesito, especialmente quando observados alguns números pertinentes. Estes números expressados pelos indicadores adotados pelo governo do estado em seu programa de redução de desigualdades em 2016, ajuda a entender essa preocupação com o desenvolvimento local da região contestada.

Nesta seara, ainda mais intensa e preocupante, são os indicadores de violência, baixa escolaridade e acessibilidade em Caçador e demais municípios pertencentes a região central do contestado. Nisto vê-se que o processo de exclusão e silenciamento iniciado ainda quando da guerra, não se encerrou. O capital regional se concentra em poucas mãos, os salários são baixos e a exploração da mão de obra continua a todo o vapor. Tudo

isso ainda com cara de meritocracia, quando os serviços básicos de assistência e saúde sequer são prestados em essência para a comunidade local.

Diante desta pobreza, inclusive cultural, remontam às necessidades de entender as desigualdades no contexto do Contestado. Essa lacuna mais que exacerbada diante destes documentos e estudos, revelam ainda que a falta de acesso não só na educação, reflete também na cultura e seus processos formativos de sociedade. Historicamente, os cinemas da cidade viraram lojas de departamento. Não há um teatro local adequado e público formado para consumir estes produtos. Os espaços para artistas e demais entusiastas são quase nulos. Um processo de resistência com o tempo e com a cidade se desenha quando deste acesso: inexistente, porém não nulo, pois as paredes e muros da cidade reverberam este pensar.

Essa observação corrobora com o contexto das propostas que se ensaiam e se concretizam desde 2018 o Contestado. Com a instalação de campi tanto do IFSC quanto do IFC, além de um da UFSC em Curitiba, revelam da importância do contestado para práticas de educação, e seus efeitos de extensão e pesquisa. No entanto, essas instituições até então não conversavam, nem se conheciam de forma efetiva. Assim, atividades em rede praticamente eram inexistentes.

Com os cortes que atingem a educação de forma sistemática este processo de fala e comunicação, também se encontrava defasada e até mesmo desanimada em razão das dificuldades orçamentárias em torno da questão. Em 2018, um grupo de entusiastas capitaneados pelos servidores Letissia Crestani, museóloga do museu do contestado, do professor Júlio Corrente, da área de história e então coordenador do museu e da Cristiane Dobner, assessora da secretaria de desenvolvimento econômico de Caçador, tomaram por decisão propor às agências de fomento um plano de eventos.

Esses servidores públicos, somados a este autor, submeteram ao CNPq um pedido de recursos públicos para eventos de popularização da ciência no edital da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia – SNCT, em 2018. Naquela oportunidade o texto desenvolvido, trabalhou a perspectiva da redução das desigualdades com uma grande contextualização de um temário emergente regional. Diante daquela oportunidade se desenhou os eventos de 2018, 2019 e 2020, consolidando uma rede de parceiros que agora conversa e dialoga em prol do desenvolvimento científico e tecnológico regional, sendo mais uma frente de discussões e debates que as instituições de ensino puxam na região.

Já em 2019, o grupo toma corpo com pesquisadores de renome e de caminhada científica para contribuir com essa popularização da ciência no contestado. Eduardo do Nascimento, doutor em engenharia de materiais, assume o comando conectando ao saber da academia, já excelentemente construído por Letissia Crestani, e as necessidades populares com as ideias de uma rede de desenvolvimento sustentável, e com construções de espaços multifacetados que integram o saber acadêmico e as emergências sociais enxergadas no contestado.

Em 2020, a ideia de um congresso do contestado, um segundo congresso aliás, se alinha às realidades dos IFs do interior. Sem tantos eventos e reuniões de popularização

do saber, constrói-se uma segunda edição do evento. O primeiro realizado em junho de 2019, concentrou um viés histórico e geográfico onde se concentram muitos estudos do contestado, mas abriu para discutir o hoje, o que fazemos aqui o que construímos no território. Um congresso com ar de produção local, e com o ouvir e o dizer dos caboclos e entusiastas ainda remanescentes de um contestado ávido por oportunidades.

Quando construída a agenda da proposta em 2018, a ideia nasceu de um sentimento de abandono da administração municipal que até então manifestava e organizava as iniciativas em relação a semana do contestado em Caçador. Nesta oportunidade, houve um desinteresse pelas autoridades públicas para realizarem os eventos. Nisso a comunidade, manifestada por líderes de movimentos e encampando a bandeira cabocla, solicitou os recursos ao CNPq para transformar em ciência o saber e o conhecimento popular, vez que os estudos e pesquisas em torno do contestado são imensos.

Neste ambiente, a semana do contestado toma um formato popular, encabeçado pela Prefeitura de Caçador, Museu do Contestado e o Instituto Federal de Santa Catarina, campus Caçador. A municipalidade manifestada pela Câmara Municipal de Caçador, da qual tinha um papel de também auxiliar a chamar a Semana do Contestado, edita alteração legislativa da qual sai das responsáveis pela organização do evento.

Dessa forma o evento passa a ser um compromisso apenas da Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, da qual disponibilizou a estrutura de servidores e espaços para a realização dos eventos em rede. Eram os primeiros sinais de uma construção coletiva popular para as atividades, mas também pela própria propositura de uma agenda de continuidade em torno de uma proposta de que os eventos em torno do contestado não deveriam por concentrar apenas na semana do contestado, um sentimento anterior também exarado em outras oportunidades, mas por todo o tempo como identidade local.

Com isso nasce a propositura da ação em que se congrega a temática: Semana do Contestado: Um Olhar Científico na História de um Povo. O município de Caçador, bem como os municípios de Irani, Lebon Régis, Calmon, Matos Costa, Curitiba, Campos Novos, Rio das Antas, Videira, Fraiburgo, Santa Cecília e Timbó Grande, são localizados no meio oeste catarinense e fazem parte da região do Contestado, região que historicamente foi palco de um conflito que quase dizimou a população e concentrou a riqueza na mão de poucos, por isso é uma das cidades mais pobres do estado. Donald Schuler, na obra Império Caboclo, destaca a importância do Contestado, em seu texto vê-se, mesmo que literário, revela a amplitude do conflito, como sendo mais importante do que a semana de arte moderna, dez anos mais tarde.

Aliado a esses fatores históricos, os investimentos públicos também privilegiavam as regiões litorâneas e demoraram muito na sua interiorização, deixando a região com décadas de atraso. A ciência, a chegada de tecnologias, arte e cultura, por exemplo, foram as mais sacrificadas nesse processo. Nesta celeuma, percebe-se que grande parte da população de Caçador é de famílias carentes que tem como principal fonte de renda o trabalho assalariado nas indústrias da cidade. Isso ainda não mudou, porém alguns aspectos culturais, especialmente pelas autoridades públicas se revelam.

Ainda em 2018, destacamos enquanto equipe proponente, que a grande maioria da população não só de Caçador, mas de todo o corredor do Contestado, não possui acesso à cultura, noções de ciência e tecnologia. A maioria nunca sequer assistiu uma peça teatral, ou visitou algum museu, ou ainda têm noção das tecnologias regionais, da ciência popular, de que é possível fomentar hortas comunitárias nas escolas, ou tantas outras possibilidades científicas simples para melhorar o dia-a-dia do cidadão, especialmente os mais carentes. Desta maneira, dar visão a estrutura social e com isso realizar a “Semana do Contestado: um olhar científico para a história de um povo”, é uma forma de democratizar o acesso à arte, a cultura, a ciência, a tecnologia levando entretenimento, informação e conhecimento para a comunidade.

Por isso, projetos permanentes que visem empoderar as pessoas da região mais pobre de Santa Catarina fazem-se necessários para que a comunidade possa se desenvolver nessas áreas. É evidente investir no protagonismo da comunidade em fomentar novos movimentos culturais, de pesquisa científica, de conhecimentos agroecológicos, de ciência para atividades populares, de noções de agronomia, de ervas medicinais, de modo democrático e aberta. Essas ações visam conceder a comunidade um poder em que se reconheçam como detentoras de saber, livrando-os de intempéries que as condições de risco, porventura, possam ocasionar, isto pela democratização do acesso à ciência e tecnologia, além é claro, da educação, cultura e arte.

Dessa forma, a proposta visou e contemplou a região do contestado com um evento de abrangência regional e até nacional pela amplitude que foi o conflito, pela memória do povo, pela propositura de uma agenda de reconhecimento e empoderamento regional de modo a oportunizar mais acesso e oportunidades aos jovens, estudantes e toda a comunidade regional, pela ciência e tecnologia.

Assim, na semana proposta, houve atividades como, fomento de banners sobre a história do contestado no museu da cidade, de modo a construir a primeira semana acadêmica do contestado em forma de seminário, que depois cresceu e virou um grandioso congresso, em que os acadêmicos compartilharam e debateram seus estudos sobre o tema, junto da comunidade. A arte possui um papel íntimo na proposta deste texto, vez que dialoga intimamente com a cultura e cientificidade do conhecimento popular como espaço na universidade, mas no caso em tela, do instituto federal e também dos espaços públicos de guarda da identidade e história local.

Desta monta, fomentar a produção de arte e cultura locais, de modo a contribuir no caráter científico regional, como o artesanato, as pessoas acabam encontrando mais que um “bico”, elas encontram uma prática que age na elevação da autoestima e da renda familiar. Com estas ações, além da perspectiva de atividades autônomas, o indivíduo pôde resgatar objetivos de vida profissional e pessoal, porque a partir da experiência que os participantes tiveram, houve um despertar e um aprimorar dos seus conhecimentos na área, a ampliar as suas atuais possibilidades. Mais que uma semana de conhecimento científico, foi um convite a revisitar a própria identidade do povo caboclo.

É importante ressaltar que a atividade buscou articular os conhecimentos e a

indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão nas áreas que foram demandadas pela comunidade do local e pelas possibilidades das instituições parceiras de atender a esses pedidos. As atividades tiveram forte caráter de extensão porque o evento foi realizado nas comunidades das regiões e cidades parceiras incluindo atividades em bairros chave, como o bairro Martello, o mais populoso do município de Caçador, cerca de 13 mil habitantes, segundo o Censo 2010, onde hoje se encontra em maioria o caboclo moderno.

Desta maneira, como a realização do evento, tivemos bastante êxito em estimular a divulgação científica das ciências humanas, sociais e sociais aplicadas, visto que a história e o direito, por exemplo, foram bastante exacerbados durante este evento, através de publicações e afins. Vale salientar que o conhecimento de um contestado atual perpassa para o conhecimento aqui gerado, vez que as instituições locais geram ciência e aprendizado e mesmo com uma globalização e mais conectividade entre as pessoas, ainda é dificultosa essa partilha com estudantes e pesquisadores no interior.

Desta monta, o evento fomentado em que de fato houve a produção de arte e cultura locais, de modo a contribuir no caráter científico regional, como o artesanato, as pessoas acabam encontrando mais que um “bico”, elas encontram uma prática que age na elevação da autoestima e da renda familiar. Nessas ações, insta mencionar o laboratório de costura do IFSC, fora do câmpus, com a ideia maior de popularizar o acesso a formação e a ciência em comunidades carentes de Caçador.

Com estas ações, além da perspectiva de atividades autônomas, o indivíduo pode resgatar objetivos de vida profissional e pessoal, porque a partir da experiência que os participantes terão, poderão desejar aprimorar os seus conhecimentos na área ampliar as suas atuais possibilidades. Programas como mulheres sim, e formações de extensão enquanto receptivo às demandas dos gargalos sociais existentes, são muito essenciais para a redução de desigualdades no corredor.

Desta maneira, com o benefício financeiro do projeto, foi possível estimular a geração de conteúdos e o compartilhamento de experiências de divulgação e popularização da ciência, como ferramentas de ensino formal e não formal (material impresso, brinquedos educativos, experimentos, jogos, vídeos, softwares, aplicativos), especialmente no primeiro congresso nacional do contestado, realizado em junho de 2019.

Ainda no âmbito das instituições de ensino e de outros organismos científico-culturais, tal como as hortas comunitárias em escolas modelos da região, a limpeza de uma determinada região carente da cidade pela comunidade, conhecido regionalmente como “puxirão”, celebrando a importância e celebração regional dos aspectos científicos e populares, viabilizando uma horta e jardim sensorial com base no conhecimento caboclo local visando uma popularização e interiorização da ciência, também foram realizados.

Em 2019 não é exagero dizer que houve um dos maiores eventos de popularização da ciência no corredor do Contestado: o Primeiro Congresso do Contestado. Este evento construído entre as paredes do IFSC e do IFC, transbordou e foi para as comunidades como acesso e popularização da ciência. Construído durante um ano, o congresso sai

do comum cientificamente dizendo, e vai para uma realidade de Instituto Federal, com apresentação do método e das práticas de pesquisa para alunos de ensino médio, estes como protagonistas do fazer ciência.

O papel do IFC através de seu Núcleo de Estudos do Contestado, é exemplar. A agenda proposta pelo grupo se pauta e muito nas necessidades locais. Quando falo das dificuldades de dialogar entre as instituições o IFC nos ensina que pela extensão é um caminho exemplar a seguir. O IFC ajudou a desenhar não só o congresso do contestado, mas a IV Semana do Contestado de Caçador, transformando a ação em um evento de caráter regional e estadual, como objetivava os recursos da chamada. A UNOESC também possui um papel nesta popularização evidenciado pelo trabalho e companheirismos de membros da equipe que abraçaram a causa, junto da UFSC e tantas outras instituições parceiras dos eventos.

Mais uma semana do contestado se constrói com as pessoas, vez que como dito anteriormente, esse foi um importante passo para a reunião de pessoas em torno da comunidade. Em 2019, a temática foi de meio ambiente, e sua preservação, em que muitos ensinamentos e afins se pautaram a ponto de revisitar conhecimentos populares e demais estruturas necessárias da comunidade. Para 2020, havia ações em rede e sistêmicas, como ciclo de oficinas e atividades extramuros, porém devido a cenário da pandemia, todas essas ações restaram prejudicadas em continuidade. Muito mais que uma relação meramente acadêmica, essas oficinas certamente mexeriam com o imaginário e o conhecimento popular, conectando a ciência com as ações e práticas para redução das desigualdades.

Para onde rumamos na continuidade, para este pensar de redução de desigualdades no contestado? Certamente o interesse deve ser muito além do que uma mera agenda, e sim um convite a comunidade a expressar anseios e vontades. O IF, é uma escola, como qualquer outra, com a estrutura adequada para cursos e formação profissional e tecnológica. No entanto, é no âmago de suas propostas legais que residem esse encontro: o de fomentar ações e cursos capazes de desenharem uma estrutura que esteja em acordo com os anseios locais.

Tem sido uma missão dificultosa a de construir uma agenda nesse sentido no Contestado, mas não pensamos em desistir nesse momento. Buscar agregar aqueles que se identificam com a causa, e com as temáticas que reduzem desigualdades, é um importante passo a ser consolidado nas agendas de relações e contatos seja da administração e afins.

Como disse um autor, o contestado continua lá e aqui. Portanto é preciso olhar para essas incongruências históricas e construir a partir daí uma relação íntima com o desenvolvimento. Esse desenvolvimento está longe da visão gourmet de inovação ou desse desenvolvimento pelo capital. A partir daí se discute uma inovação social que remonta a necessidade de reconhecer saberes e competências e que dessa forma trata de gerar identidade àqueles desprovidos de capital e esperança.

Essa é a função dos IFs na redução das desigualdades, uma delas aliás. Dito isso devem se somar a essa luta todos aqueles que veem alguma coisa disforme na sua

comunidade e em si mesmo. Com isso fica o convite a reflexão de construir uma região, uma cidade, um bairro, uma comunidade em que estamos inseridos, e o papel transformador individual somado os grupos, revela uma máxima: juntos podemos.

O Contestado vive e nós, que vivemos nele, dele, sigamos juntos pela redução das desigualdades.

Este livro é uma coletânea de artigos científicos e relatos de projetos produzidos recentemente pelos pesquisadores das instituições públicas que formam a Rede de Educação, Ciência e Tecnologia do Contestado e colaboradores. Esta rede visa a ampla divulgação e popularização da ciência. Os textos deste livro entremeiam um debate interdisciplinar, de forma a reconfigurar narrativas sobre o espaço cultural, sócio-ambiental e histórico-geográfico do Contestado. A emergência destes estudos e ações, que trazem diversas linhas de abordagens dos processos que se configuraram neste território, são fundamentais para romper com a invisibilidade e o abandono da cultura cabocla. Os 21 capítulos proposto mostram o desenvolvimento regional das ciências aplicadas, da educação e das políticas públicas, sobretudo, enfatizam os aspectos culturais e conflitos que permeiam o Contestado. Por fim, este livro pretende atender a demanda por leituras sobre o contexto atual de pesquisa e extensão na região do Contestado. Agradeço imensamente pela sensibilidade da artista Maní e pela aquarela “Maria Rosa do Contestado” que ilustra a capa deste livro.

William Douglas Gomes Peres (IFSC/Caçador)

PREFÁCIO

Márcia Janete Espig
(UFPel/Pelotas)

Márcia Elisabete Schüler
(IFC/Videira)

O CONTESTADO VIVE! A FORMAÇÃO DE UMA NOVA IRMANDADE CABOCLA

O movimento do Contestado, guerra civil que incendiou um vasto território localizado entre os estados de Santa Catarina e Paraná, foi um acontecimento histórico sangrento, marcante, traumático. Traumático, sobretudo, para a população pobre que nele lutou, muitas vezes descrita como população cabocla. Quando falamos sobre os caboclos do Contestado, não nos referimos à cor de pele, a uma etnia ou a grupos humanos miscigenados, mas queremos significar o termo “caboclo” para a descrição de indivíduos que possuem um tronco cultural em comum. Mais do que um tipo físico, um tipo cultural. E no caso da região Contestada, pensamos o caboclo imerso em uma cultura de profunda devoção religiosa; de crença em São João Maria; de respeito pela natureza; de acolhimento; de fortes laços comunitários. Parte dos migrantes vindos de outras regiões do país, ou mesmo imigrantes, “acaboclarão-se”, ou seja, vivenciaram e tomaram para si esse modo de ser e de viver. Uma vida simples, mas bela em muitos de seus preceitos. Através desse modo de pensar, durante a Guerra uniram-se em fraternidade e comunidade, em torno da Santa Religião, onde todos eram “irmãos e irmãs” e onde “quem tem mói, e quem não tem mói também”. Naquele momento de conflito, essa forma de pensar o mundo não foi bem aceita por uma cultura elitista e urbana, tendo sido descrita de maneira preconceituosa através de jornais e outras narrativas.

Os primeiros julgamentos vieram logo após sua primeira reunião em Taquaruçu, junto ao Monge José Maria. O jornal Folha do Comércio, de Florianópolis, em setembro de 1912, considerava que a junção dos sertanejos seria produto de sua extrema “ignorância”, causada pela “falta de escolas” e “abandono”. Essa forma de pensar aparece em muitos periódicos, sendo os caboclos continuamente avaliados. Nesse primeiro momento, a principal acusação é a de ignorância ou, como diziam alguns, “falta de cultura”, ou inclusive “espíritos atrasados”.

Os epítetos preconceituosos permaneceram e se ampliaram à medida que a Guerra evoluiu. Aquele primeiro momento, de reunião e comunhão fraterna, evoluiu para uma postura de autodefesa, primeiramente na Batalha do Irani, e posteriormente nas Cidades Santas, que passaram a se organizar no final de 1913. Os ataques por parte das forças oficiais, constituídas pelas Forças Públicas do Paraná e de Santa Catarina, pelo Exército Nacional e por vaqueanos ligados aos coronéis da região, dizimaram mulheres, crianças e idosos, gerando a revolta dos caboclos, personagens historicamente espoliados pelo

sistema capitalista que se impunha.

A partir desses acontecimentos, e da reação às inúmeras violências sofridas, o sertanejo passou a ser avaliado mais duramente e os adjetivos passaram a ser mais cruéis. O mesmo jornal anteriormente citado, em dezembro de 1914 vai chamar os rebeldes de “bandidos” e “salteadores vulgares”. Aliás, “bandidos” e “jagunços” são dois dos termos mais comuns para descrevê-los, e repetem-se em inúmeras fontes históricas que falam sobre o Movimento. Além dos jornais, podemos citar livros escritos por militares que participaram da repressão e que usam termos semelhantes.

Para se ter uma ideia, o primeiro tenente Herculano Teixeira d’Assumpção, que chegou à região em 1915, afirmou que os moradores locais eram pouco trabalhadores, além de bárbaros, selvagens, bandidos, chegando a chamá-los de “monstros”. Em livro publicado em 1917, afirmou que ali vivia “[...] uma população numerosa, sem o mínimo resquício de sentimento humano...” O mesmo tom foi empregado em documentos produzidos no calor da hora, tais como Autos de Perguntas e Inquéritos realizados com rebeldes capturados ou que se apresentaram às forças legais. Nessa documentação, foram chamados de “tipos torpes, bandidos e gatunos”, bem como “vagabundos da pior espécie”. Termos semelhantes são encontrados em outros materiais, tais como relatórios ou partes de combates. Facínoras, jagunços, bandidos, alucinados, hediondos... Termos fortes e injustos, ao descrever uma população que estava a defender seu chão, sua família e sua cultura.

Por muito tempo, essa terminologia persistiu em boa parte dos livros produzidos sobre o Contestado. Até os dias de hoje, eventualmente encontramos obras que tratam os rebeldes por “jagunços” ou, o que é mais comum, por “fanáticos”. Dentro da maior parte das obras acadêmicas, contudo, esses termos não somente foram abandonados, mas também criticados. Hoje, não faz sentido tratar os caboclos ou sertanejos do Contestado por palavras elitistas ou arrogantes. Combater esse tipo de preconceito tem sido uma batalha travada por historiadores, sociólogos, antropólogos, geógrafos, folcloristas, agentes culturais, dentre outros estudiosos contemporâneos. A percepção atual acerca da legitimidade da luta sertaneja e sobre a riqueza cultural daquelas populações traz contornos positivos à memória e à identidade dos homens e mulheres, moradores atuais do ex território Contestado.

Com todas as arbitrariedades sofridas, não apenas no campo de batalha, mas também no campo simbólico, não causa estranheza que por muitas décadas o Contestado tenha sido um assunto tabu no próprio local que em que ocorreu. Logo após a destruição do reduto de Santa Maria, que geralmente assinala o final do movimento, houve na região aquilo que o pesquisador Maurício Vinhas de Queiroz chamou de “fase do açougue”. A expressão é autoexplicativa, e designa um momento em que a maior parte das forças militares se retirou, deixando a cargo de alguns piquetes o trabalho de “limpeza”, quando parte dos rebeldes restantes foram caçados e assassinados impiedosamente. Era necessário, então, para própria sobrevivência física, não falar sobre a Guerra, esconder-se, negar proximidades. Soma-se a isso toda a carga representada pelo uso de termos e expressões que analisamos mais acima: fanáticos, bandidos, jagunços... Esse

processo, em conjunto, causou um retraimento das memórias, das narrativas sobre as vivências, da fala sobre o trauma causado pela Guerra. Tudo isso deveria, forçosamente, ser reprimido no campo do pensamento. E assim viu-se o silenciamento do caboclo, a violência simbólica, o represamento das experiências vividas, a impossibilidade de falar sobre o passado. Mas essas memórias estavam lá, e calavam fundo. Em grupos íntimos, familiares, esse lembrar era possível, senão necessário. Em público, porém, jamais se assumir “jagunço”, não relembrar as cidades santas, nem a experiência de vida igualitária e comunitária.

Por décadas persistiu esse silenciamento na região. Aos poucos, porém, diferentes tipos de ações foram alterando esse quadro. Pesquisadores e estudiosos, interessados em historiar o período da Guerra, começaram a percorrer tais espaços. Além dos documentos escritos, buscavam os testemunhos orais, as falas, memórias e lembranças dos remanescentes do movimento, ou de seus descendentes. A esse interesse o caboclo respondeu ressabiado, por vezes preocupado. Afinal, não poderia ser esse pesquisador um sucedâneo daqueles que o alcunhavam bandido? Não seria também um representante daquela cultura elitista, preconceituosa, responsável por uma violência física e simbólica de tamanho difícil de ser mensurado?

Certamente esse não foi um processo fácil para os caboclos. Aos poucos, contudo, o interesse vindo de fora da região foi sendo percebido como legítimo, trazendo um lembrar sobre o passado. Em certo sentido, os pesquisadores reafirmavam aos remanescentes do conflito a importância de seu protagonismo durante a Guerra. Reafirmavam seus marcos identitários, desejavam saber sobre as Cidades Santas, se interessavam pelos personagens que lá viveram, valorizavam sua fé no Monge e na natureza. Esse movimento teve início pelas décadas de 1950 e 1960, e continua ativa até os dias de hoje. Se já não temos remanescentes vivos de uma guerra mais que centenária, temos seus descendentes, suas memórias familiares, indiretas mas não menos importantes. E a fé no Santo Monge, essa persiste, e se materializa em cruzeiros, capelas, águas santas, ermidas, cavernas, grutas... Continua a fascinar pesquisadores de variadas áreas de conhecimento, além de artistas, cineastas, dramaturgos, entre muitos outros.

Nesse processo de posituação da memória, o poder público também teve sua importância. Em nível estadual, nas décadas de 1980/1990 o governo catarinense passou a celebrar a riqueza da história contestada. Destacando o protagonismo dos caboclos, símbolo da “luta dos pequenos” frente a injustiças sociais e políticas, o estado estimulou estudos, publicações, vídeos, além da implantação de marcos e placas em locais significativos, tais como espaços onde ocorreram batalhas ou existiram Cidades Santas. Essas ações refletiram uma guinada do discurso oficial. Os homens e mulheres do Contestado passavam de bandidos a heróis, defensores do solo Contestado frente a forças espoliativas. Outra iniciativa importante foi a construção do Parque Temático do Contestado, em Irani, no local em que ocorreu a famosa Batalha. Embora o projeto inicial não tenha sido realizado em sua totalidade, serviu para promover a preservação daquele sítio, criando um local de memória educativo para as novas gerações. Em 2001, a bandeira

do Contestado foi reconhecida oficialmente pelo governo estadual como símbolo regional do Estado de Santa Catarina, podendo ser hasteada em eventos oficiais. No ano seguinte, outra lei instituiu a Semana do Contestado, a ser lembrada anualmente, entre os dias 20 e 27 de outubro.

Outros grupos sociais, mais ou menos na mesma época, também dedicavam atenção ao conflito e o transformavam em referência. Em 1986 a região de Taquaruçu recebeu a Primeira Romaria da Terra em Santa Catarina, ligada a diferentes grupos sociais, tais como as Comunidades Eclesiais de Base e as pastorais operárias. Diferentes símbolos e referências relacionadas ao Contestado passaram a ser apropriadas por diversos movimentos sociais contemporâneos, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

Toda essa agitação, de reconstrução identitária, de positivação de memórias e de reposicionamento histórico dos personagens do Contestado não estaria completo se não houvesse um forte movimento interno, nas comunidades, entre as populações descendentes dos caboclos. Não temos aí um processo único ou combinado, mas diferentes processos ocorrendo em várias cidades que compõem hoje a região outrora contestada. E nesse ponto devemos lembrar a ação de homens e mulheres que, cada qual em sua comunidade, fizeram e ainda fazem a diferença ao promover a rememoração acerca do conflito por diferentes vias. São muitas experiências, várias delas ainda em movimento, em locais como Caçador, Lebon Régis, Fraiburgo, Calmon, Matos Costa...

Sendo impossível citar aqui todas esses experimentos e todos os agentes culturais envolvidos, pensamos homenagear a todos e todas na pessoa de um de seus precursores, o falecido folclorista Vicente Telles, um ativista que fez da sanfona sua arma e recompôs a história e a memória sobre o Contestado na região de Irani. Participou da idealização do Parque Temático do Irani, incentivou o ensino escolar e a rememoração através de dramatizações, declamações e música. Encheu os olhos e os corações em sua comunidade. Vemos hoje movimentos variados, cada qual com sua especificidade, mas que buscam, em cada local, objetivos semelhantes: o resgate da identidade cabocla, a positivação dessa identidade, e o repensar sobre as dolorosas memórias acerca da Guerra do Contestado.

Em meio a esse percurso, surge um importante evento, que dialogou não apenas com a produção acadêmica sobre o Contestado, mas também com as iniciativas de resgate cultural acima mencionadas. O Primeiro Congresso Nacional do Contestado, ocorrido em junho de 2019, teve lugar em Caçador e acolheu a comunidade local de maneira inédita.

Este evento foi possível graças ao trabalho comum e em rede, a partir do convite feito pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) para que o Instituto Federal Catarinense (IFC) participasse através de seu projeto de extensão Núcleo de Estudos do Contestado (NEC) da criação, construção e execução da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia onde teria lugar um evento acadêmico abordando a ciência para redução de desigualdades e tendo o Contestado como foco de debate.

Os Institutos Federais no Brasil surgem distribuídos em eixos congruentes às demandas regionais onde são implantados e são apoiados no tripé baseado em ensino,

extensão e pesquisa. Entre os anos de 2007 a 2012, várias unidades do IFSC e do IFC foram implantadas no Contestado Catarinense, em locais como Canoinhas, Videira, Caçador, Fraiburgo, Luzerna, dentre outros. O projeto de extensão NEC tem ações voltadas ao estudo da Guerra do Contestado, com atividades consolidadas desde 2013.

Quando o NEC aceitou arregaçar as mangas e compor a organização, começava a se formar novamente a irmandade no mundo caboclo, nele e a partir dele. Outras instituições, como a comunitária Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) foram chamadas e aceitaram o convite desafiador de trazer pela primeira vez um evento acadêmico deste porte para terras contestadas. Também o NEC ganhou fôlego com a introdução de novos membros externos que ajudaram e ajudam a solidificar aquilo que se lançou como proposta entre as instituições.

Muito se fala do Contestado fora de seu território e a conquista foi trazer pesquisadores importantes, estudantes de todos os níveis para apresentar trabalhos, debater e ouvir e ainda incorporar ao evento acadêmico as comunidades, líderes locais e pessoas envolvidas no resgate da cultura cabocla, na memória do Contestado.

Todos os que já tiveram a rica experiência de estar em meio ao povo caboclo do Contestado sabem sobre o espírito de irmandade e partilha que norteia a vida dessas pessoas. O fazer comunitário é traço fundante da cultura cabocla desde o modo de vida herdado das nações indígenas nativas, aos redutos de resistência durante a Guerra até a formulação e concretização deste Primeiro Congresso Nacional do Contestado, cujo resultado acadêmico podemos atestar nesta publicação, recheada de contribuições as mais diversas.

Foram 23 pesquisadores que produziram resultados, provocações, relatos de ações sobre o tema em mesas temáticas, 79 trabalhos acadêmicos inscritos para avaliação e público de 1200 pessoas circulando pelo congresso. Colaboraram com o mesmo vinte instituições nacionais, além de pesquisador internacional vinculado à ONU.

A presente obra é um dos muitos frutos decorrentes desse memorável encontro. Dos artigos aqui publicados, 15 foram apresentados no congresso, e os demais 6 trabalhos surgem a partir da rede de relações acadêmicas então constituídas ou reforçadas.

Sotaques e gentes de vários rincões se achegaram ao evento, interessadas em nossa história, o que demonstra que o Contestado é maior que nós mesmos... O Contestado vive.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BANDA CABOCLOS REBELDES: A IDENTIDADE DO CONTESTADO EM CONCERTO	
Eduardo do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.4492003081	
CAPÍTULO 2	9
MEMÓRIA DO COMBATE DE RIO DAS ANTAS: DESCOBRINDO VESTÍGIOS SOBRE A TRINCHEIRA DOS COLONOS	
Márcia Janete Espig	
Gerson Witte	
DOI 10.22533/at.ed.4492003082	
CAPÍTULO 3	21
A GUERRA DO CONTESTADO E A LEI DE TERRAS IMPERIAL: UM ESTUDO DE CASO DA FAZENDA FIGUEIREDO (LAGES, 1855-1917)	
Flávia Paula Darossi	
DOI 10.22533/at.ed.4492003083	
CAPÍTULO 4	34
CONTENDAS ENTRE CATOLICISMO POPULAR E CATOLICISMO ORTODOXO NO CONTESTADO	
Cleber Duarte Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.4492003084	
CAPÍTULO 5	49
A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NA CIDADE DE CAÇADOR	
Andrea Alves Cavalet	
Hillevi Maribel Haymussi	
DOI 10.22533/at.ed.4492003085	
CAPÍTULO 6	59
DINÂMICA TERRITORIAL NO CONTESTADO: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE PARANÁ E SANTA CATARINA	
Diane Daniela Gemelli	
Silas Rafael da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.4492003086	
CAPÍTULO 7	69
DEZ ANOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA EM CURITIBANOS	
Cristhiane Martins Lima Kreusch	
Renata Marafon	
DOI 10.22533/at.ed.4492003087	
CAPÍTULO 8	81
A CONTRIBUIÇÃO DA IMPLANTAÇÃO DO PARQUE RIO DO PEIXE PARA A PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA GUERRA DO CONTESTADO	
Marcia Garbin	
Mariana Di Domenico	
Bianca De Bortoli	
Amanda Zago	
Juliana Aparecida Biasi	
DOI 10.22533/at.ed.4492003088	

CAPÍTULO 9	91
COTIDIANO E MOVIMENTO OPERÁRIO EM RIO NEGRINHO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA REGIÃO DE FRONTEIRA COM O CONTESTADO - (1919-1982)	
Fernando Henrique de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.4492003089	
CAPÍTULO 10	102
MEMÓRIAS DO CONTESTADO EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO	
Gerson Luiz Buczenko	
DOI 10.22533/at.ed.44920030810	
CAPÍTULO 11	109
EXTENSÃO COMO ANIMAÇÃO DE PROCESSOS SOCIAIS: A EXPERIÊNCIA COM O ARTESANATO NO MUNICÍPIO DE CURITIBANOS-SC	
Cleber José Bosetti	
Zilma Isabel Peixer	
Juliana Golin Krammes	
DOI 10.22533/at.ed.44920030811	
CAPÍTULO 12	119
PROPRIEDADES TOMADAS, PROPRIEDADES INCENDIADAS, VIDAS APAGADAS!	
Viviani Poyer	
DOI 10.22533/at.ed.44920030812	
CAPÍTULO 13	130
A RESISTÊNCIA, O SINCRETISMO RELIGIOSO E O PAPEL DE SALVAGUARDA DA MEMÓRIA DO CONTESTADO NAS BENZEDEIRAS DA REGIÃO DO CONTESTADO NO SÉCULO XXI (2000-2018)	
Flávia Rhafaela Pereira	
Silvio dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44920030813	
CAPÍTULO 14	142
SÍNTESE VERDE DE NANOPARTÍCULAS DE PRATA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
William Gustavo Sganzerla	
Ana Letícia Andrade Ferreira	
Cleonice Gonçalves da Rosa	
Ana Paula de Lima Veeck	
Michael Ramos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.44920030814	
CAPÍTULO 15	156
ENTRE REPETIÇÕES, CONSENSOS E CONTRASENSO: UMA POSSÍVEL TRAJETÓRIA DE JOSÉ MARIA ATRAVÉS DA HISTORIOGRAFIA SOBRE A GUERRA DO CONTESTADO (? – 1912)	
Gabriel Carvalho Kunrath	
DOI 10.22533/at.ed.44920030815	
CAPÍTULO 16	166
NAS ENTRELINHAS DO PROCESSO JUDICIAL: O ASSALTO AO TREM PAGADOR	
João Felipe Alves de Morais	
DOI 10.22533/at.ed.44920030816	

CAPÍTULO 17	176
TABULEIRO DA ORTOGRAFIA: ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM POR MEIO DE JOGO EDUCATIVO PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	
David Ferreira Severo	
Bianca Gonçalves Sousa de Moraes	
Diogo Moreno Pereira Carvalho	
Marta Ferreira da Silva Severo	
Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.44920030817	
CAPÍTULO 18	189
GUERRA, FOME E GENOCÍDIO: A SECA DA TAQUARA E O EXÉRCITO NO ENCALÇO DOS CABOCLOS DA REGIÃO DO CONTESTADO (1910-1923)	
Delmir José Valentini	
DOI 10.22533/at.ed.44920030818	
CAPÍTULO 19	213
A CARTOGRAFIA NA FRONTEIRA SUL DO BRASIL: RIO BRANCO E OS LIMITES ENTRE BRASIL E ARGENTINA (1889-1895)	
Michel Felipe Moraes Mesalira	
DOI 10.22533/at.ed.44920030819	
CAPÍTULO 20	225
O LEGADO DE UM CONFLITO: A HERANÇA DO CONTESTADO PARA A REGIÃO MEIO OESTE CATARINENSE	
Tatiana Bruna Fabian	
Tulainy Parisotto	
DOI 10.22533/at.ed.44920030820	
CAPÍTULO 21	236
O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO DE SÃO JOÃO MARIA EM SÃO MATEUS DO SUL/PR	
Alcimara Aparecida Föetsch	
Mário Sérgio Deina	
DOI 10.22533/at.ed.44920030821	
CAPÍTULO 22	252
A REVOLTA DO CONTESTADO E O PASSADO QUE NÃO PASSA: NACIONALISMO, ABJEÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	
Lucas Emmanoel Cardoso de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.44920030822	
SOBRE O ORGANIZADOR	262

DEZ ANOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA EM CURITIBANOS

Cristhiane Martins Lima Kreusch

(UFSC/Curitibanos)

Renata Marafon

(UFSC/Curitibanos)

RESUMO: O meio-oeste do Estado de Santa Catarina tem em sua história grandes revoluções contra o governo, quais sejam, a Revolução Farroupilha e a Guerra do Contestado. Após o apogeu do ciclo da madeira e da erva-mate, houve um declínio econômico que perdura até hoje, não havendo demanda de trabalho e pouco investimento do governo para seu desenvolvimento. Neste contexto, visando fortalecer a economia agrícola da região, partir do ano de 2007 através do REUNE, houve a descentralização da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no município de Curitibanos onde foram instituídos os cursos de Medicina Veterinária, Engenharia Florestal e Agronomia. Em 2019, a Universidade Federal de Santa Catarina em Curitibanos, completa 10 anos de existência e neste sentido, qual a contribuição para o desenvolvimento da região e como a universidade mudou o contexto local? Posto isto, o objetivo geral deste estudo é analisar a contribuição do Campus de Curitibanos para o desenvolvimento da Região do Contestado e como objetivos específicos verificar dados de graduados, analisar como a universidade movimentou a economia local e estudar que tipos de geração de emprego a universidade cria. Para isso optou-se pela pesquisa

exploratória, bibliográfica e documental. Para análise dos resultados levantados foi utilizada a abordagem qualitativa. Dentro desses dez anos de contribuição à sociedade, a Universidade Federal de Santa Catarina até o segundo semestre de 2018 formou 529 acadêmicos. Deste total, 286 tinham endereço cadastrado no município de Curitibanos, sendo bastante evidente o quanto a instalação do Campus de Curitibanos proporcionou o desenvolvimento socioeconômico da região.

PALAVRAS-CHAVE: Curitibanos; Contestado; Universidade.

1 | INTRODUÇÃO

É de contexto nacional a instalação de Universidades Federais nas capitais de cada estado. Durante anos essa praxe dificultou em muito o acesso ao ensino superior federal de pessoas que não tinham a possibilidade de se deslocar do interior para a capital para a realização deste feito.

A partir da implantação pelo governo federal do Programa REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) instituído pelo Decreto nº. 6.096 de 24 de abril de 2007, ocorreu a implantação de um campus da Universidade Federal de Santa Catarina no município de Curitibanos com a oferta atual dos cursos de Engenharia Florestal, Agronomia e

Medicina Veterinária.

Curitibanos, município localizado na região do Contestado, meio-oeste catarinense, juntamente com diversos municípios vizinhos sempre enfrentaram diversos problemas, como a falta de investimentos federais e estaduais, atividade predominantemente agrícola com a predominância da agricultura familiar, ausência de universidades públicas, índices de pobreza e falta de oportunidades de trabalho.

Dentro desse contexto, quais as melhorias que a implantação deste Campus gerou na região? Como a universidade mudou o contexto local? Como é de conhecimento notório, o art. 6º da Constituição Federal menciona como um dos direitos sociais a educação. Traz, inteligentemente, ainda em seu texto as seguintes diretrizes no art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O banco acadêmico não se resume a um professor passando diversos conteúdos para ao final sair um trabalhador. A universidade é local de pesquisa científica, local de descobrimento, de cura de doenças, de tecnologia, de comunicação, de busca por igualdade e tudo mais que colabore com todo o progresso do país e da sociedade, visando sempre a transformar o mundo em um lugar melhor, corroborando o prescrito no art. 218:

Art. 218. O Estado promoverá e incentivará o desenvolvimento científico, a pesquisa, a capacitação científica e tecnológica e a inovação.

§ 1º A pesquisa científica básica e tecnológica receberá tratamento prioritário do Estado, tendo em vista o bem público e o progresso da ciência, tecnologia e inovação.

Com esse propósito, é de suma importância o estudo que demonstre para a sociedade a importância da universidade como um todo, e como a universidade altera toda a comunidade ao seu redor.

Diante deste propósito, nestes dez anos a universidade já alterou diversas vidas para melhor, com a colocação no mercado de trabalho 529 graduados até o semestre 2018.2. Muitas famílias de agricultores agora têm seu próprio engenheiro agrônomo, florestal ou médico veterinário trabalhando na própria casa, e contribuindo para a produção cada vez maior e mais produtiva em pequenas propriedades numa região agrícola como esta, bem como prestando assessorias em propriedades que não tenham esse tipo de profissão no seio familiar. Há ainda os projetos de extensão que através de pesquisas ou aulas, colaboram conjuntamente com a comunidade rural e da cidade, tendo como exemplo a clínica veterinária que atende animais a preço de custo visando o ensino acadêmico. Insta ainda mencionar a geração de empregos, valores gastos por servidores e bolsistas no comércio local e valores pagos em aluguel pelos estudantes de fora da região. Esta é

a principal razão da realização deste estudo, divulgar esses números para a sociedade e principalmente, tornar toda a comunidade parte da universidade, mesmo não sendo estudante e diretamente usufruindo dos seus benefícios.

2 | DO CONTESTADO

2.1 Da colonização da região

Nas palavras de Lemos (1977, p. 17) a faixa de terra conhecida como Planalto Catarinense, compreendido entre os rios Iguazu e Uruguai, era reservada à coroa espanhola em razão do Tratado de Tordesilhas. Desta forma, ainda pela mesma autora, a maior parte do território dos estados de Santa Catarina e Paraná, e todo o Rio Grande do Sul ficavam para a Espanha. Enquanto os portugueses formavam vilas no litoral, os espanhóis que entravam pelo Rio da Prata ocupavam o território com missões jesuíticas, avançando do planalto em direção à Ilha de Santa Catarina, o qual consideravam parte de seu território.

Isto somente não ocorreu, consoante Lemos (1977, p. 17), em virtude dos assaltos dos paulistas que arrasavam as reduções dos jesuítas inconformados com os termos do Tratado. Capturavam índios para vender no mercado de escravos em São Paulo. Continua-se com as palavras da autora:

Somente por volta de 1682, quando souberam que os bandeirantes haviam abandonado a caça ao índio, atirando-se à procura de minas é que resolveram voltar, fundando então as legendárias Missões Orientais do Uruguai, ou dos Sete Povos, com as reduções de: São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Lourenço, São João Batista, Santo Ângelo, São Francisco de Borja, e a capital: São Miguel. E aí ficaram até 1756, quando por se terem revoltado contra o Tratado de Madrid (1750), que determinava a entrega das missões aos portugueses, foram derrotados pelos exércitos aliados portugueses e espanhóis, tendo os índios incendiado as reduções antes de abandoná-las. As ruínas, no entanto, que aí ficaram, falam de um passado grandioso, de cujos efeitos se beneficiou até mesmo o planalto catarinense: o gado franqueiro, que os índios das missões haviam lançado nas campanhas da Vacaria dos Pinhais, ou seja, Vacaria, e os municípios gaúchos de Bom Jesus e Lagoa Vermelha, aí se multiplicara e atingira os pastos catarinenses de São Joaquim, e provavelmente, Lages ou Curitiba. Foi esse gado selvagem e sem dono que os tropeiros bandeirantes aqui encontravam, e depois vinham buscar, quando abriram a importante Estrada dos Conventos ou das Tropas, ao longo da qual, fundaram os primeiros currais ou fazendas primitivas. (LEMOS, 1977, p. 20-21)

Rosa e Thomé (2013, p. 157) afirmam que o povoamento do estado de Santa Catarina ocorreu como em todo o território brasileiro, com o litoral abrindo portas para os mais diversos povos, enquanto o Planalto sofria o isolamento por conta da Serra Geral.

Nas palavras de Almeida (1945 *apud* ALMEIDA; GOULARTI FILHO; MESSIAS, 2003, p. 2), a primeira estrada aberta no século XVIII, que passava pela Capitania de Santa Catarina, foi o Caminho de Conventos, a qual partia da Colônia de Sacramento, chegava ao litoral de Araranguá e subia para o planalto serrano, seguindo até Sorocaba. Contudo, ante as dificuldades na travessia da Serra Geral, em 1732, Cristovão Pereira de Abreu

saiu de Viamão, nas proximidades de Porto Alegre, seguiu até Vacaria, onde alcançou Lages, de onde continuou pelo Caminho dos Conventos, indo até Rio Negro, e por fim, Sorocaba. Este trecho ficou conhecido como caminho das tropas Viamão-Sorocaba, e servia como um grande corredor de gado dos pampas gaúchos até as feiras de Sorocaba, onde abasteciam o complexo cafeeiro.

Rosa e Thomé (2013, p. 157), ainda continuam seu estudo afirmando que em 1765, Morgado Mateus, Presidente da Capitania de São Paulo, deu ordens a Correia Pinto para o povoamento do planalto catarinense:

A fundação da Vila Serrana, hoje Lages, foi de fundamental importância para o povoamento do Planalto Catarinense e de suas adjacências. Santa Catarina foi elevada à categoria de Província em meados do século XVIII, criando celeuma na questão de limites com a Província de São Paulo. A Província do Paraná, criada na metade do século XIX, começou a litigar com a Província de Santa Catarina (ROSA e THOMÉ 2013, p. 157).

Os autores, citando Queiroz (2013, p. 159), afirmando que a estrada dos tropeiros serviu como elo entre o sul e o centro do país, percorrendo, após Lages, as terras de Curitiba e uma extensa área de floresta virgem até Rio Negro. Queiroz, (apud ROSA e THOMÉ, 2013, p. 159), menciona que as posses precárias das terras pouco a pouco se transformaram em propriedades definitivas. Cita que Correia Pinto, fundador de Lages, quando chegou à região, encontrou estancieiros empobrecidos, ancestrais dos futuros caboclos, servos foragidos e antigos camaradas das tropas de burro que ficavam pelos caminhos, ou seja, uma população totalmente excluída do processo, mas ainda vinculada à capital. Neumann e Rodrigues (2015, p. 3), incluem que após os conflitos territoriais que assolaram a região, a região vai continuar apresentando uma miscigenação em razão da vinda de colonos rio-grandenses teutos e ítalo-brasileiros, descendentes de europeus.

Além dos mencionados, Honda (2015, p. 34-46), explica a vinda de um novo grupo étnico, em meados das décadas de 50 e 60, qual seja, famílias oriundas do Japão pós-guerra, estabelecendo-se no planalto catarinense, notadamente em Lages e Curitiba. Houve então a criação da Colônia Celso Ramos com atividade predominantemente agrícola, com a produção de nectarinas, maçãs e outras espécies frutíferas, impactando na economia local.

2.2 Dos conflitos

A famosa Revolução Farroupilha teve entraves em terras curitibanenses. Behling (2016, p. 14-15), afirma que no mês de Janeiro de 1840, durante a Batalha de Curitiba, Anita Garibaldi foi presa. O comandante das tropas do Exército Imperial permitiu que a mesma procurasse o corpo de seu marido supostamente morto, e em um pequeno momento de distração, Anita embrenhou-se pela mata a cavalo em fuga, atravessando o Rio Canoas e encontrando seu marido em Vacaria oito dias após. Sobre estes fatos, Lemos traz a tona

as seguintes memórias:

Na fazenda da Forquilha, uma velha cruz de madeira no interior de um capão, à margem da antiga estrada, simboliza o sacrifício dos idealistas rio-grandenses; é o que resta da vala comum em que foram depositados às pressas os restos de Farrapos e Caramurus, unidos no mesmo destino.[...] O capão onde os republicanos se abrigaram e estão hoje sepultados chama-se Capão da Mortandade (1977, p. 84-85)

O oeste catarinense, nas palavras de Neumann e Rodrigues (2015, p. 1) foi alvo de desleixo governamental e disputas territoriais. Nesta região, as principais disputas territoriais se tratam da Questão de Palmas (1892-95) e a Guerra do Contestado (1912-16). A região localizada no planalto meridional brasileiro, apresentava em seu início uma densa floresta caracterizada como Ombrófila Mista, tendo como principais espécies o pinheiro *Araucária Angustifolia* e a erva-mate *Ilex Paraguariensis*, motores econômicos do extrativismo no século XX.

Para Serpa (1999, p. 11), a Guerra do Contestado é um dos mais significativos movimentos sociais que ocorreu no Brasil, residindo sua importância principalmente por ser uma luta com diversos fatores: luta por posse, por terra, por valores culturais, religiosidade, sobrevivência e contra valores capitalistas no campo.

A Guerra do Contestado se tornou um acontecimento ao qual os historiadores, sociólogos, antropólogos e geógrafos atribuem sentidos diferenciados. Para uns, a guerra aconteceu em virtude de questões de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina, aliando-se ao fanatismo dos moradores do local. Para outros, a guerra é expressão de múltiplos fatores, dentre os quais se destacam a penetração das relações capitalistas no campo, havendo com isso expulsão dos moradores da terra, introdução de novas relações sociais que rompiam com as relações de compadrio e que provocaram mudanças nas práticas religiosas imprimidas pela igreja católica, através dos franciscanos. Outras abordagens atribuem enorme valor aos aspectos culturais dos caboclos que passaram a ser vistos pela sociedade moderna como obsoletos, retrógrados, arcaicos e rústicos. Formas diferentes de viver se antagonizavam e então lutavam para fazer valer seus interesses. (SERPA 1999, p. 11-12)

Amador (p. 502) menciona que, além da agressão cometida quando ocorreu a retirada dos caboclos da região, houve a imposição de valores alheios ao modo dos mesmos, imposição que estava de acordo com a lógica capitalista. Este autor, citando Aura, afirma ainda que houve a transformação da terra em bem de produção; e a institucionalização da propriedade privada, em detrimento da simples ocupação ou posse. Essa forma de apropriação causa estranhamento ao caboclo, o qual via suas terras agora serem vendidas pelas companhias colonizadoras a colonos imigrantes. O caboclo foi tratado como intruso, e teve seus hábitos e tradições desrespeitados pelo colonizados. Essa soma de fatores, aliados ao movimento messiânico de crença na ressurreição foram os principais ingredientes para o início da Guerra do Contestado.

3 | DA ECONOMIA LOCAL

Passados o ciclo da madeira e da erva-mate, a economia do município de Curitiba conta atualmente com 61% na indústria e comércio. A agropecuária representa 24% e Serviços Públicos e transportes 14% do valor adicionado. Neste mesmo ponto Salézio João de Souza salienta que o município naquele momento necessitava de técnica, conhecimento, aprendizado e sabedoria para preparar o cidadão para o mercado de trabalho (SOUZA, 2013).

Acerca dos primórdios da economia local, analisa Goulart Filho:

Desenvolveu-se no oeste barriga-verde uma colonização baseada no sistema colônia-venda e na pequena propriedade, que era voltada para a economia de subsistência e para a comercialização do excedente (Mamigonian, 1965), estimulando, desde cedo, a formação de um mercado interno, que rapidamente se integrou à economia nacional por meio da ferrovia. Havia um universo de pequenas atividades comerciais e manufatureiras como: mercearias, atafonas, marcenarias, moinhos, fábricas de queijo e salame, fábricas de caixas e de sapatos e fundição. Esse regime de produção, baseado na pequena propriedade, permitiu uma acumulação pulverizada e, ao mesmo tempo, o surgimento de uma diferenciação social em que alguns colonos mais abastados começaram a subordinar o trabalho e a pequena propriedade, tornando-se grandes madeireiros ou proprietários de frigoríficos. As frentes pioneiras, o extrativismo vegetal e a construção da Estrada de Ferro São Paulo—Rio Grande (EFSPRG), no oeste do Estado (Bellani, 1991; Piazza, 1994; Thomé, 1983), resumem-se num só elemento, que explica a introdução de relações capitalistas de produção no oeste e no Contestado. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 982-983)

Nas palavras de MATTEI (s.d) a região do planalto serrano teve seu epicentro econômico formado a partir da produção agropecuária em médias e grandes propriedades. Assim, desde os primórdios da colonização formou-se um sistema baseado na produção pecuária e na extração de madeira nativa. Já na segunda metade do século XX, o setor de madeira ganhou expansão com a instalação de empresas de grande porte nos ramos de papel e celulose.

Hodiernamente, (MATTEI, s.d) a economia demonstra uma clara distinção entre diversos setores. Na pecuária, a produtividade ainda é baixa, apesar da introdução do sistema de confinamento. O que apresentou melhora foi a bovinocultura de leite, que através do melhoramento genético e de novas técnicas de manejo elevaram a produtividade. No que tange à produção agrícola, os destaques são as produções de alho, milho, batata, maçã, feijão e soja, sendo a região a maior produtora de alho e a segunda maior de maçã. A ênfase também se apresenta na produção de batata. No Município de Curitiba, por sua vez, as culturas de milho e soja apresentam bom desenvolvimento em médias e grandes propriedades. No setor secundário, o destaque se dá através das indústrias de papel e celulose, do setor moveleiro; e no setor terciário, há concentração de atividades comerciais nas cidades de Lages, São Joaquim e Curitiba, apesar da menor participação econômica comparadas às atividades mencionadas acima (MATTEI, s.d).

4 | DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

De modo geral, a Universidade sempre se constituiu como um centro de produção de conhecimentos. As universidades públicas brasileiras criadas entre as décadas de 1920 e 1960 tinham como objetivo principal a propagação do ensino, foi somente a partir de 1960 que foram introduzidas as atividades de pós-graduação sob forte inspiração dos modelos americano e europeu (GONÇALVES, 2016).

Para Ferreira e Leopoldi (2013) o modelo de desenvolvimento econômico observado a partir da década de 1990 enfatizou a competitividade entre as empresas com destaque para a eficiência na gestão e inovação, influenciando a interação entre universidades e empresas principalmente nos serviços tecnológicos, serviços de educação, projetos de pesquisa em conjuntos com as empresas, criação de incubadoras de empresas nas universidades e projetos articulados com as empresas júnior. Argumentam ainda que a partir dos anos 2000, com a implantação pelo governo federal do Programa REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) instituído pelo Decreto nº. 6.096 de 24 de abril de 2007 que ampliou a universidade pública brasileira criando 14 novas universidades federais e mais 100 campi espalhados pelo país bem como a expressiva oferta de vagas no ensino superior no país.

Vogel (2016) afirma que a criação do REUNI, planejado e executado durante o governo Lula, colaborou significativamente para o processo de expansão da Educação Superior Pública. Um dos primeiros trabalhos para a execução do REUNI segundo Silva (2014) foi a instituição do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) no ano de 2003, cujo principal objetivo era analisar a situação do Ensino Superior no Brasil e “apresentar plano de ação visando a reestruturação, desenvolvimento e democratização das Instituições Federais de Ensino Superior – IFES” no prazo de sessenta dias” (BRASIL, 2003).

Das 54 universidades brasileiras em 2007, 53 aderiram ao REUNI, porém houve resistência à adesão ao Programa por parte de alguns segmentos de várias universidades, dentre elas a própria UFSC, com manifestações e ocupações na sede da reitoria (SILVA, 2014).

Vogel (2016) aponta ainda que o processo de interiorização foi positivo ao propiciar a criação de campi e de novas universidades em municípios não atendidos por instituições de educação superior públicas e gratuitas como no caso da criação do Campus de Curitiba, na Região do Contestado Catarinense, tendo possibilitado também a criação dos campi da UFSC nos municípios de Araranguá e Joinville. Somente o Campus de Blumenau não foi implantado com os incentivos do REUNI.

Neste contexto, o projeto de adesão ao Programa REUNI foi concretizado e encaminhado no final de 2007, cujo formulário de apresentação de propostas já constava a implementação de três campi avançados: Araranguá, Curitiba e Joinville (UFSC, 2015). No próximo item abordaremos de maneira sucinta a criação do Campus de Curitiba.

4.1 Da criação do Campus de Curitibaanos e sua contribuição do para o desenvolvimento da Região do Contestado

Por meio da resolução nº. 026/CUn/2008 de 18 de novembro de 2008 formalizou-se a criação do Campus de Curitibaanos a qual descreve:

O Presidente do Conselho Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições e tendo em vista o que deliberou este Conselho, em sessão realizada nesta data, conforme Parecer nº. 031/CUn/2008, constante do processo nº. 23080.053502/2008-51 resolve: aprovar a criação do Campus da Universidade Federal de Santa Catarina na cidade de Curitibaanos-SC (UFSC/CUn, 2008b).

Somente em 2010 houve o credenciamento para o funcionamento das atividades dos campi fora da sede. Relatos nos informam que a instalação de um Campus da Universidade Federal de Santa Catarina na Região do Contestado, mais precisamente na cidade de Curitibaanos, já era um anseio da sociedade civil organizada do município: há registros de alguns esforços como o promovido pela Associação Cultural Dom José Gomes, onde discutiram a viabilização do projeto na região do Contestado. Houve também esforços promovidos por lideranças políticas de Curitibaanos no sentido de buscar recursos e soluções necessárias para viabilizar a instalação do Campus (VOGEL, 2016).

Tortato (2014) afirma que a escolha do local onde foi instalado o Campus de Curitibaanos teve como finalidade o crescimento urbano visto que a sede fica há cerca de 5,5 km do centro do município, ou seja a escolha desse espaço se deu como estratégia urbanística, corroborando assim aos anseios dos propositores da criação do Campus que visavam o desenvolvimento econômico, urbano e demográfico para a região do meio-oeste catarinense, bem como a contribuição da Universidade no desenvolvimento local. Como sabemos, o município de Curitibaanos foi palco de acontecimentos históricos já bastante explorados por este artigo, todos relacionados à Guerra do Contestado.

5 | RESULTADOS

Coincidindo com o aniversário de 150 anos do município de Curitibaanos em 2019, durante estes dez anos da UFSC, conta-se com 529 alunos graduados, sendo 189 de Ciências Rurais, 66 de Engenharia Florestal, 174 de Agronomia e 100 de Medicina Veterinária. Deste total, 286 têm endereços cadastrados no município de Curitibaanos, sendo 124 de Ciências Rurais, 31 de Engenharia Florestal, 105 de Agronomia, e 26 de Medicina Veterinária. (Dados fornecidos pela Secretaria Acadêmica até o semestre de 2018.2)

Para alcançar estes objetivos, é de primordial importância apresentar a estrutura para

tanto. A Universidade Federal de Santa Catarina em Curitiba conta com:

- Área sede: Terreno com área de 240.000 metros quadrados, dois edifícios verticais, três casas de vegetação, um galpão de maquinário e viveiros de mudas. Localizada na localidade de “Imbuia Direita” no km 3 da Rodovia Ulysses Gaboardi;
- Edifício CBS01: Prédio com aproximadamente 5.000 metros quadrados (concluído em maio de 2010) com: 1 Auditório com 180 lugares;
- 1 Biblioteca Setorial; 3 Salas para Entidades Estudantis: Centros Acadêmicos, PET, Empresa Júnior; 17 Salas para Professores; 1 Laboratório de apoio à Graduação (“Labgrad” com 15 netbooks); 10 Salas para Setores Administrativos; 8 Salas de aula (com 50 lugares); 1 Sala de aula da pós-graduação (com 25 lugares); 1 Sala de videoconferência; 14 Laboratórios.
- Edifício CBS02: Em construção.
- Área CEDUP: Terreno com 5.529,50 m² de área construída. Localizada na Av. Adv. Sebastião Calomeno, no Bairro São Francisco.
- Edifício CED: Conjunto de edificações com ginásio, auditório, bloco de salas de aula e áreas de convivência. Ginásio de Esportes;
- Clínica Veterinária Escola; 1 Auditório com 100 lugares; 7 Salas para Professores; 3 Salas para Setores Administrativos; 7 Salas de aula (com 50 lugares); 11 Laboratórios.
- Área Experimental Agropecuária: Terreno com 242.000 metros quadrados, na localidade do “Campo da Roça” no km 6 da Rodovia Ulysses Gaboardi.
- Edifício APV: Prédio com aproximadamente 1.000 metros quadrados (concluído em abril de 2016) com: 4 Laboratórios de apoio; 4 Salas para Setores Administrativos; 2 Salas de aula (com 50 lugares); 1 Sala de aula (com 25 lugares); 2 Laboratórios.
- Área Experimental Florestal: Terreno com 310.000 metros quadrados, localizado no Km 264 da Rodovia BR 470 em Curitiba-SC, com uma casa de apoio e viveiros de mudas. Terreno mantido em convênio com a EMBRAPA e a EPAGRI.

No quadro 1 abaixo, resta demonstrada a evolução da comunidade acadêmica em relação ao número de servidores e docentes até o semestre 2018.2:

Número de pessoas ao fim do semestre	Professores Efetivos	Docentes Temporários	Técnicos Administrativos	Estudantes
2009.2	1	7	0	62
2010.1	6	4	8	130
2010.2	13	3	8	183
2011.1	13	9	8	260
2011.2	14	9	11	303
2012.1	25	7	20	379
2012.2	27	8	22	435
2013.1	33	10	25	537

2013.2	48	11	25	593
2014.1	51	7	27	664
2014.2	53	9	28	711
2015.1	56	8	32	811
2015.2	60	11	38	833
2016.1	63	9	40	879
2016.2	67	8	39	937
2017.1	69	9	47	1015
2017.2	69	9	46	1033
2018.1	74	7	49	1005
2018.2	76	8	49	989

Quadro 1. Evolução da comunidade acadêmica em relação ao número de servidores e docentes

Fonte: <http://curitibanos.ufsc.br/evolucao-da-comunidade-academica/>

Após uma atualização de dados para o semestre 2019.1, a atual comunidade acadêmica é composta por 1016 acadêmicos de graduação, 17 de pós graduação, 80 professores e 53 técnicos administrativos (Fonte: cagr.sistemas.ufsc.br).

A UFSC Curitibanos atende 10 famílias de agricultores da microrregião de Curitibanos através de assessoria e feiras para comercialização de produtos, consoante Registros da CONEVA Jr. 2019.1 (Fonte: conevajr.ufsc.br)

Ainda, em 2018, o campus prestou serviços que beneficiaram aproximadamente 1.330 pessoas do ensino infantil, fundamental e médio, entre alunos e docentes, em atividades de conhecimento de anatomia, bem-estar dos animais, plantando ciência nas escolas, uso consciente da água no ambiente escolar, manejo conservação da biodiversidade e horta escolar. (Fonte: Catálogo de Extensão UFSC: proex.ufsc.br)

Acerca da geração de renda, atualmente o campus emprega 68 trabalhadores terceirizados, como auxiliares rurais, motoristas, recepcionistas, vigilantes e serviço de limpeza e manutenção, consoante relatório do setor de contratos da Direção Administrativa no semestre 2019.1 (Fonte: da.curitibanos.ufsc.br).

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentada toda a temática, verifica-se como a colonização da região e suas raízes caboclas influenciam no desenvolvimento e economia local até os dias atuais. O desbravamento das matas, revoluções, abertura de estradas para rota do gado, exploração de florestas, evangelização indígena, fanatismo, segregação cabocla e expulsão dos mesmos de suas terras, economia fortemente rural, baixo desenvolvimento, elevados índices de pobreza no estado de Santa Catarina e descaso governamental, são uma sucessão de acontecimentos e erros que somados geraram toda a problemática da região.

Nesse contexto, e apresentados os resultados acima, é nítida a influência que a educação pode mudar no contexto regional. Diversas famílias rurais humildes, de assentamentos e de baixa renda, agora contam com agrônomos, engenheiros florestais e

veterinários em suas famílias, ou senão, em sua região, prontos a atender as demandas que todo o meio rural exige e que é tão forte neste meio-oeste catarinense. O REUNE desenvolveu não somente a UFSC na Região do Contestado, mas também em diversos locais do país, sendo importante frisar o aspecto positivo e o impacto regional pela “fábrica educacional”.

Insta mencionar ainda a geração de empregos com a contratação de servidores concursados e até mesmo terceirizados que colaboram para manter toda essa imensa estrutura organizada e em funcionamento. Motoristas, auxiliares de serviços gerais, vigilantes, auxiliares rurais, todos empregos criados neste local que geram renda para os próprios funcionários e suas famílias, movimentam a economia e fazem crescer ainda mais este local tanto tempo esquecido na mente dos governantes.

Todos estes profissionais que saem da universidade, saem mudando um cenário nacional em que a educação sempre foi acessível aos mais ricos, mudando suas vidas, suas famílias, suas cidades, e todo um sistema. E os dados mostram como Curitibanos tem mudado a região do Contestado e como ainda mudará! A mão de obra trará empresas, investimentos e o desenvolvimento há tanto tempo sonhados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, André Scholl de; GOULARTI FILHO Alcides; MESSIAS, Talita Alves de. **Integrando o território catarinense**: a construção da estrada de Lages. Disponível em: <<http://www.aguasmornas.sc.gov.br/noticias/lages.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

AMADOR, Milton Cleber Pereira. **Guerra do Contestado**: marca o fim e o início de modelos de desenvolvimento na região Oeste Catarinense. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewfile/562/384>>. Acesso em: 28 mar. 2019

BEHLING, Lenar Cardoso. **Revolução Farroupilha**. Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI Licenciatura em História (HID-0320), 2016. Disponível em: <http://www.fundasul.br/download/artigos/revolucao_farroupilha.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2019

BRASIL, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**, promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 08 mai. 2019.

_____. **Decreto da Presidência da República de 20 de outubro de 2003**. Institui Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) encarregado de analisar a situação atual e apresentar plano de ação visando a reestruturação, desenvolvimento e democratização das Instituições Federais de Ensino Superior – IFES. Presidência da República. Brasília, DF: Diário Oficial da União de 21.10.2003.

FERREIRA, André; LEOPOLDI, Maria Antonieta. **A contribuição da universidade pública para a inovação e o desenvolvimento regional**: a percepção de gestores e pesquisadores. **Revista Gestão Universitária na América Latina - Gual**, [s.l.], v. 6, n. 1, p.60-82, 30 jan. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. **Perspectiva**, [s.l.], v. 33, n. 3, p.1229-1255, 1 abr. 2016. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

GOULARTI FILHO, Alcides. **A formação econômica de Santa Catarina**. Ensaios Fee, Porto Alegre, v. 23, n. 02. Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/2049/2431>>. Acesso em: 27

mar. 2019

HONDA, Fumio. **Kizuna**: os cinquenta anos da colônia Ramos, rumo ao futuro. Organizadores: Kazunori Yamanoto, Shigeo Ugaji, Francisca Ugaji, Anderson Fujio Oishi, Hiroataka Onaka, Fumio Honda, Haruhiko Kayama, Florianópolis: Associação Cultural Brasil-Japão de Núcleo Celso Ramos – Diretoria de imprensa Oficial e Editora de Santa Catarina (DIOESC). 2015

LEMOS, Zélia de Andrade. **Curitibanos na história do Contestado**. Florianópolis: IOESC, 1977.

MATTEI, Lauro. **Economia catarinense**: crescimento com desigualdades.

NEUMANN, Rosane Márcia; RODRIGUES, Márcio Luiz. **Colônias e colonizadoras na região Oeste de Santa Catarina**: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil (1925 a 1950). Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434423276_ARQUIVO_coloniasecolonizadorasnaregiaooestedesantacatarina.pdf>

Regionais. Disponível em: <http://www.apec.unesc.net/IV_EEC/sesoes_tematicas/Desenvolvimento%20e%20meio%20ambiente/ECONOMIA%20CATARINENSE%20CRESCIMENTO%20COM%20DESIGUALDADES%20REGIONAIS.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2008.

ROSA, Geraldo Antônio da; TOMÉ, Nilson. **Panorama da educação na região do contestado após cem anos da Guerra do Contestado**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, dez. 2013, nº 54, p. 156-171. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640175> Acesso em: 18 mar. 2019

SILVA, Claudemir Osmar da. **Programa REUNI**: ampliação do acesso ao ensino superior?. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SOUZA, Salézio João. **Economia diversificada em Curitibanos**. 2013. Disponível em: <<https://www.curitibanos.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codmapaitem/15372>> Acesso em: 27/03/2018

TORTATO, Kauê. **Ambientalização universitária sob o enfoque da racionalidade ambiental**: Campus Curitibanos da Universidade Federal de Santa Catarina. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, 2014.

UFSC/CBS. **Ata da Sessão Extraordinária do Conselho Universitário realizada no dia 18 de novembro de 2008**. UFSC; Florianópolis, 2008.

VOGEL, Emanoela Carolina. **O REUNI e as condições da educação superior no campus de Curitibanos da UFSC**. 2016. 205 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/174303>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 